

Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., III, 1, 180-182

O migrante na rede do Outro
Ademir Pacelli Ferreira
Rio de Janeiro/Belo Horizonte
1999

O migrante na rede do Outro

Maria Helena Zamora

Pacelli escreve sobre o migrante partindo de uma noção de subjetividade não naturalizada, ou seja, produzida pela cultura e pela realidade social em que vivemos. Ao longo de seu livro, ele mostra que o migrante tem sido pensado em vários estudos sociais como portador de uma identidade marcada pela *carência*, seja de cultura, de possibilidades adaptativas, seja de capacidade simbólica e afetiva. Ora, quando se assume uma atribuição identitária ou um traço descritivo generalizante para o migrante, some do sujeito a positividade, a criatividade, as formas de resistência, enfim, a singularidade. É subvertendo essa lógica da *falta* que o autor constrói seu texto. Para realizar essa tarefa, ele escreve uma trilogia migrante. O primeiro elemento é o caso clínico de Nano, um nordestino internado no Serviço de Psiquiatria do Hospital Pedro Ernesto. O autor não se limita a falar dos aspectos psicopatológicos individuais e nem reduz Nano a um migrante sofrendo uma psicose ou uma síndrome de desadaptação, mas procura mostrar que as metrópoles – todas, em nosso mundo globalizado – são muito mais

do que cenários das experiências humanas: são protagonistas no processo de produção e consumo de bens materiais e simbólicos, seduzem ativamente aquele que vem de fora, que deve conquistá-la apesar de toda possibilidade de naufrágio. O tratamento de Nano não o despotencializou para a batalha da sobrevivência, deu-lhe condições de perceber seus aspectos de dependência e de redimensionar suas fantasias de que a Cidade Maravilhosa fosse uma alternativa de vida grandiosa. Afinal, lançar-se no espaço da cidade grande é lançar-se ao outro, ter que fazer face às diferenças, reparar as perdas e as frustrações e aproveitar as novas experiências. O desafio é afirmar-se enquanto subjetividade e alteridade, já que o migrante sempre será o Outro, o estranho no ninho imenso e hostil da cidade contemporânea.

A segunda parte da tríade mencionada é um estudo sobre o migrante no cinema, para o autor um “lugar para onde migramos para vivenciarmos as sensações de um espaço, um tempo e um outro diferente do cotidiano, realizando assim nossa necessidade de alucinar”. O filme escolhido, *O homem que virou suco*, de João Batista de Andrade (1982), mostra a saga de Deraldo, um nordestino que é confundido com Severino, um operário exemplar que acabara de matar o patrão no dia do recebimento do título de “Operário Padrão”. Apesar das diferenças dos nomes, isso não interessa para a polícia, afinal, os *baianos*, os *paraíba*s, os *severinos* são todos iguais em São Paulo. O peso do estereótipo e a possibilidade real de violência recai sobre o desgarrado do Nordeste e vai lançá-lo em um turbilhão de fuga. Depois, quase capturado em discursos psicológicos, desqualificado em maus-tratos na construção civil, enfraquecido ao ser objeto do cuidado da caridade, ele se vê na necessidade imperiosa de usar seus dotes de poeta popular para resistir às possibilidades de esfacelamento de sua identidade e de seu equilíbrio psíquico. Recusando a loucura e um destino “previsível” de fracasso e miséria, Deraldo partilha sua experiência e a de seu sócia homicida com seus pares, declamando seus versos de cordel na praça.

A análise do livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, reconstrói a relação eu-outro em seu aspecto abismal, fazendo-nos encarar o fosso social existente entre um ser despossuído, ralo de corpo e alma, e uma cidade maquiada para exibir apenas uma imagem de beleza e prosperidade. Sem ter nada, sem ser nada, Macabéa incomoda, porque “Clarice nos coloca no lugar do espanto, do qual eludimos, locupletando-nos com os objetos do consumo, com as facetas da exterioridade e com a tagarelice fútil.”

Macabéa vive com pouco, come pouco, perde o namorado para uma suburbana bonita, com que não pode competir, ainda que soubesse como. Levada pela amiga que lhe rouba o namorado, Macabéa procura nas cartas um futuro e encontra a possibilidade de sonhar: um dia, será uma estrela. Saindo da cartomante, “... experienciando um encanto maravilhoso ao fundir-se com a transcendência, nessa viagem de revelação como Totalmente Outro”, ela é atropelada por um vistoso Mercedes-Benz de um playboy, “... ela morre e afirma-se enquanto desejo de so-

nar. Nordestina resistente que, por promessa e esperança, vive e morre (...) Morre enquanto aquela que não tinha, que não era desejo, que não se afirmava. Morre enquanto negatividade frente à afirmação.”

Podemos dizer ainda, do livro em questão, que a figura do migrante, como bem o diz Benilton Bezerra, aparece como uma espécie de metáfora da experiência subjetiva, confrontada com estranheza e a ameaça causada pela percepção da alteridade. Não é apenas sobre migração que o autor fala, mas sobre todos nós como estranhos e em face do estranho. Porque em algum tempo, em algum lugar, temos que encarar a “inquietante estranheza” de que nos fala Freud. Nem sempre poderemos fechar os vidros de casa, os vidros do carro, os vidros do consultório. Tratar disso é “assumir o compromisso ético de refletir profundamente sobre as condições da existência do psiquismo humano”, quebrando de vez o espelho narcísico e acolhendo as outras formas de existência.